

## Diálogo com Uma Águia

Fui jantar ontem ao palácio. Estava lindo! Felizmente ninguém. Tudo deserto. Quando eu desci do restaurante, a acender um Laferme com preguiça, caía a tarde de Outono em vitrais ricos para além das ramarias a despir-se. Passei algum tempo na avenida, e sem saber porquê, indo ao acaso, fui estacar nesse recanto triste onde mora engaiolada uma águia velha. Há que tempos conheço este mostrengo, num abandono de asilo, de ar pedinte, com asas que diríeis paralíticas, de um tom coçado e neutro de miséria!... Uma águia isto, este espantalho! A decadência reles destas asas que tanta vez olhei com indiferença, nem eu sei bem porquê, impressionou-me. Um animal de fábula, de mito, um ser que bebeu sol de olhos abertos, curvava as garras frouxas num poleiro, e depois de carnagens e aventuras, encolhido, misérrimo, com fome, acabava a aspirar a um meio bife, como um vadio à porta de um café. Coitada! Teve uma forma assim aquela águia que saboreou Prometeu numa montanha!

A gaiola está sórdida, está imunda. Antes estivesse empalhada num museu, ou no quarto de trabalho de um zoólogo, sócio da Academia, homem de estudo, que, ao voltar da rua ou da glória, lhe pendurasse do bico o chapéu alto. Coitada!

Coitada! E notei, com um calafrio, que pronunciara alto este «coitada», com uma voz que a mim mesmo surpreendeu pela inflexão perturbante de quinto acto. Olhei a águia. Via-a encolher-se toda, contrair-se, enclavilhar as garras no poleiro, como a uma dor aguda que a varasse. Encarou-me por fim, olhou-me todo, fazendo-me corar dos pés ao coco, e com uma voz que não era a voz da fábula, sem nada de lendário nem estranho, com uma voz normal de velha beata, arrastada e roufenha, quase gaga, cacarejou num tom de dor e mofa:

— Ao que eu cheguei! Ao que eu cheguei! Já tem pena de mim *isso* aí fora... Antes estar morta e podre, antes estar podre...

Estarreci. Não era o impossível realizado dessa carcaça de águia a falar alto, a falar como eu, que me empedrava: nem sequer o estranhei naquele instante; mas o dolorosíssimo desprezo com que ela me chamou *isso aí fora*, com que ela ouviu que um *isso* a lamentava. Deitei fora o cigarro bruscamente, compus um momo frio de desdém escondendo a irritação que me excitava, e premindo a bengala contra o queixo, retorqui-lhe benévolo e grosseiro:

— Não percebo o seu desprezo, não me atinge. Eu não disse «coitada» prà ofender. É sempre triste ver uma águia presa, mas numa gaiola, assim, é lamentável. Pra mais, conforme vejo no letreiro, foi um comendador que a ofereceu... E a gaiola...

— Que tem? Falta de estilo?

— Está cheia de excrementos. Está indecente.

— Já não diria isso se os visse cair de alto, no deserto, sobre o granito cariado de uma esfinge... Cenários, digo-lho eu, literatura...

Eu então requinteí de pedantismo, e perguntei-lhe a rir de que alta estirpe, de que águias reais, de que família, ela veio a cair neste poleiro onde agora a ouvia perorar num claro entardecer de intimidade, com idílios de guardas e criadas, ra-

ros bebês jogando às escondidas e um homem a varrer as folhas secas. Coçava-se a hesitar, com o bico baixo. Sacudiu as longas asas poeirentas e, com uma voz de sono, começou:

— De alta estirpe, sim, de uma família de águias antiquíssima. Uma das minhas ancestrais, como agora se diz, fez viagens épicas na Judeia, e num crepúsculo de assombros, abrindo com as garras uma cordilheira de nuvens, viu pregado na cruz o Hebreu Doce, e logo desceu ao morro numa gula tão doida, que ensanguentou no ar de seda as asas bravas... Rasgou o peito magro do Homem-Deus, e ficou doida para sempre, doida, doida, na alucinação desse manjar patético, de martírio divino e desespero. Porque ela ouviu a confiança do Herói meigo... Mas não posso contar-lha, nem mais pio! É um segredo de família, é o meu segredo.

Amuei, retorqui num tom mimalho:

— Mas então, se não podia contar, pra que me falou nisso? Eu sou de uma curiosidade feminina. Já não saio daqui sem que mo diga.

— Mau! O senhor é uma criança. Que tolice! Dezenas e dezenas de avós meus, gerações e gerações de águias marinhas, levaram o segredo herdado e não traído, que nem ao sol, que é o deus das águias, revelaram. E quer agora o senhor com um papelzinho que lhe custou uns cobres (se o pagou) violar o murmúrio que tem séculos e é a última vibração daquele espírito que vestiu de nebulosas toda a Vida... Sabe que mais? Estou já arrependida de falar.

— Não se zangue. Juro-lhe, juro-lhe que não digo nada a ninguém. Se soubesse o que eu sei!... Segredos de família, dramas... dramas...

Esperei um instante ansiosamente. A águia inteiriçou-se, sem me olhar, bicando longes de memória, de saudade:

— Não sei que tenho hoje. Velhice, morte próxima talvez, pressentimentos... Quando essa avó longínqua cravou as garras no peito desse Réu, e lhe bicou o coração e bebeu sangue,

sentiu que enlouquecia, que era outra... Como se ferisse uma irmã, teve remorsos; fixou os olhos bêbedos de sol nos olhos d'Ele, refrescou-lhe com as asas a cabeça, empastada em suor, de um verde lívido...

«A cruz, que estremecia, ficou hirta. E foi então, foi então que Ele lhe disse...

— Mas o quê? O quê? Diga depressa.

— O segredo, senhor, o meu segredo.

— Mas qual é afinal? Quer torturar-me...

— Renegou-se a Si-mesmo. Retractou-se! Disse o remorso de não ter vivido, a tristeza infinita, o desespero e o mal sem remédio de ser virgem, de morrer no corpo morto de uma árvore, único corpo que sentiu, o de um cadáver... As estrelas que nasciam no céu dúbio eram prò Moço Hebreu pólen doirado, e a sua alma moribunda abria toda como os hortos ideais da Galileia... O peito arqueou-lhe mais, contracturado... Queria largar a cruz pra poder dar-se, à terra desse cerro, a alguma forma, a um corpo de mulher, a alguém, a alguém...

«A voz da multidão pela ravina era um marulho de resaca mui confuso, e Ele sentiu entre pragas e risadas, entre os lamentos e os insultos que silvavam, sentia vozes de mulher... ouviu, ouviu-as... Só elas Ele ouviu, ouvia sempre... Queria falar ainda, quis falar-lhes e pedir-lhes perdão do que lhes disse, com parábolas mentirosas de doçura e com olhos de lago sem desejo... Esvaía-se em sangue, ia azulando. Foi então que a minha avó, num voo lento, lhe emoldurou nas asas côncavas a Face... e que ela ouviu, senhor, e que ela ouviu...

Calou-se um instante imóvel no poleiro. Reparei. Era o guarda que passava.

— Já não sei onde ia. Estou com febre. Ah! No que ouviu a minha avó naquele instante... Quando eu penso nisso, quando penso... Imagine, se pode, ora imagine... Ele que era um

Adivinho, Ele o Vidente, num desses instantes de génio que abrem séculos, previu, previu bem claramente, como se mentiria à Vida em nome d'Ele, a morte da Beleza e da Alegria, a Tristeza e a Doença em nome d'Ele, séculos e séculos de vida envenenados por o sangue de amor que Ele vertera, e iria embebedar os homens muito tempo, para sempre talvez, talvez pra sempre. Sentiu então que, a querer salvá-los, os perdera... Certo, esse instante de dor sempre ignorado foi o maior de dor que alguém viveu. E como Ele a diria, como...

— Em que língua falou? Foi em hebraico?

— Foi na língua das asas que Ele o disse. Não lha posso ensinar, já me não lembro. Quando me engaiolaram, esqueci-a. Mas que impressão lhe faz o meu segredo? Se os homens o soubessem, seria Ele na verdade o Redentor...

— Sim, sim. É bem justo o que me grasma. Shelley tê-lo-ia amado como irmão, e Nietzsche, o próprio Nietzsche...

— Bem sei. Esse afirmou com pompa, lá para o Norte, que Ele decerto se teria retractado se tão cedo o não crucificassem. Foi minha mãe que o disse a Zaratustra. Zaratustra ouviu mal, não disse tudo. A verdade é assim, como eu lha conto. Parece que os homens riram do filósofo, acharam tudo isso uma tolice...

— Acharam...

— E afinal esse Hebreu crucificado, no instante supremo de tortura, quando pra além das nuvens o esqueciam, chamava só por Pã, o grande Pã! Se os homens soubessem isto e o entendessem, teria o grande Pã ressuscitado. Seriam brancas estas pobres asas.

— Brancas? Porquê?

— Durante séculos tivemos asas brancas, todas nós, águias da minha estirpe.

Foi só depois que Pã morreu que elas ficaram pretas, como luto. Quem se lembra de Pã por estes tempos?...

— Os que sabem amar, os que ainda amam.